



AMÉRICA DO SUL

Violência e polarização assombram a transição

A menos de uma semana da posse do ultradireitista Abelardo de la Espriella, caminhão-bomba ilustra os desafios do novo presidente da Colômbia, eleito por margem mínima. Fortalecida no Congresso, a esquerda afia os dentes para resistir

» SILVIO QUEIROZ

A menos de uma semana da posse do presidente eleito da Colômbia, a explosão de um caminhão-bomba em Cúcuta, capital de Departamento (estado) no nordeste do país, perto da fronteira com a Venezuela, ilustra os desafios colocados diante de Abelardo de la Espriella. Estreante na política institucional, o empresário se lançou à disputa pela Casa de Nariño com um programa afinado com o ideário que fez o sucesso da extrema-direita na América do Sul, nos últimos anos — do Peru ao Chile, passando por Bolívia e Argentina. Como nos países vizinhos, a eleição presidencial na Colômbia foi decidida no fio da navalha: o vencedor se impôs por menos de 1% dos votos válidos. Venceu o senador Iván Cepeda, candidato escolhido e trabalhado por Gustavo Petro, ex-guerrilheiro e primeiro político de esquerda a governar o país em 200 anos de vida independente.

Segurança pública foi, como nos vizinhos, o foco central da campanha vitoriosa. Mas, em particular, o país se vê às voltas com questões mal resolvidas do processo de paz concluído há quase uma década com as Forças Armadas Revolucionárias de Colômbia (Farc), ao fim de meio século de uma guerra civil não declarada. O atentado de Cúcuta, com saldo de uma dezena de feridos, foi atribuído pelas autoridades aos remanescentes do Exército de Libertação Nacional (ELN), que resistiu às iniciativas de paz com o governo Petro. Não por acaso, De la Espriella faz do combate à violência — política e criminal — seu carro-chefe. Igualmente por isso, escolheu inicialmente para a cerimônia de posse, nesta sexta-feira, não a sede do Congresso, em Bogotá, mas uma base militar no conflagrado Departamento de Cauca, no centro-sul. Lá, onde as Farc nasceram, em 1964, concentram-se os dissidentes que se recusaram a depor armas. Petro, um dos artífices do desarmamento do Movimento 19 de Abril (M-19), guerrilha de esquerda nacionalista, em 1991, vetou a proposta.

Ausência

Como as bancadas de seu partido, o Pacto Histórico, decidiu que não assistirá à cerimônia, por fim marcada para a Universidade de Cali — terceira cidade do país e capital do Vale do Cauca, outro departamento com forte presença das chamadas dissidências das Farc.

Schneider Mendoza/AFP



Policiais examinam o local de explosão, em Cúcuta, na fronteira da Venezuela: guerrilha tensiona a saída do primeiro governo da esquerda

“A ausência (da oposição) confirma uma polarização que ultrapassa a disputa eleitoral e alcança os próprios ritos institucionais”, disse o professor de relações internacionais Roberto Uebel, coordenador do Núcleo de Estudos e Negócios Americanos da ESPM. “Como a vitória de Espriella foi por menos de um ponto percentual, o novo governo nasce diante de uma oposição numerosa, mobilizada e pouco disposta à cooperação”, explica. “Isso não significa ruptura democrática imediata, mas sinaliza para um ambiente de governabilidade muito limitada, algo que parece ser um novo padrão na América Latina.”

Diego Vera, titular da mesma cadeira na Pontifícia Universidade de Javeriana de Bogotá, não considera “surpreendente” a decisão de Petro e de seu partido. “Falamos em manter um gabinete paralelo e declarar-se em desobediência civil quando entenderem que as políticas do governo forem na contramão da Constituição e das reformas sociais, as que já aprovaram e as que devem tramitar

Luis Acosta/AFP



O presidente eleito, Abelardo de la Espriella: agenda controversa

ainda”, avalia. O estudioso colombiano, porém, vê nuances entre a postura de Petro e a do seu candidato à sucessão, o senador Iván Cepeda, que se

configura como o líder natural da oposição a De la Espriella.

“Agora, de volta ao Senado, Cepeda deve se declarar em oposição ao governo e estimular sua base

parlamentar a rejeitar as contrarreformas”, analisa Vera, em entrevista à reportagem. “Vai insistir, como Petro, em levar às ruas, com protestos, aquilo que não conseguirem avançar no Congresso.” O candidato derrotado, que aos 63 anos acumula uma sólida trajetória à frente da perseguida esquerda civil colombiana, “já não aposta mais na ideia de impugnar as eleições, mas de manter ativas as bases sociais e deslegitimar o novo governo.”

“Cepeda deverá assumir uma oposição firme, porém predominantemente institucional e pacífica”, afirma o professor da ESPM. “Diferentemente de Petro, ele reconheceu explicitamente a derrota, o que lhe confere maior legitimidade para liderar a resistência parlamentar.” Segundo Roberto Uebel, agora como figura de proa da esquerda colombiana, Cepeda deve adotar como estratégia “combinar a atuação no Congresso, a defesa das reformas sociais, a proteção do acordo de paz (com as Farc) e mobilizações contra eventuais medidas consideradas autoritárias”.

Palavra de especialista



Arquivo pessoal

Foco na segurança

Os primeiros movimentos do novo governo deverão concentrar-se na segurança pública, no fortalecimento das Forças Armadas, no combate aos grupos armados e na revisão da política de “paz total”. Paralelamente, são esperadas medidas de desregulamentação, redução de impostos e incentivo à mineração e ao setor energético. O principal foco de tensão será o futuro das organizações vinculadas ao Acordo de Paz.

A política externa deverá assumir orientação mais ideológica, conservadora e alinhada aos Estados Unidos, distanciando-se dos governos de esquerda e dos mecanismos de integração regional. Com o Brasil, contudo, uma ruptura seria improvável: comércio, fronteira, Amazônia e segurança exigem uma agenda pragmática. A relação poderá ser politicamente fria, mas funcional nos temas bilaterais fundamentais, algo muito parecido com o que temos com a Bolívia hoje.

Gustavo Petro, provavelmente, manterá uma contestação política e simbólica bastante contundente, inclusive liderando mobilizações após deixar o governo. Entretanto, já indicou que entregará o poder conforme determina a Constituição. Assim, não parece haver espaço institucional para impedir a posse, especialmente porque observadores internacionais validaram o processo eleitoral e não identificaram evidências de fraude.

ROBERTO UEBEL, coordenador do Núcleo de Estudos e Negócios Americanos da ESPM

Em rede social, Maduro celebra rodada de diálogo

Às vésperas da primeira reunião presencial entre representantes do governo interino da Venezuela e da oposição, mediado por Washington, o presidente deposto Nicolás Maduro postou uma mensagem em suas redes sociais comemorando “todo caminho de diálogo”. No sábado, representantes do governo interino de Delcy Rodríguez e um grupo de adversários políticos apoiados pelos Estados Unidos anunciaram que se encontrarão em Caracas, nesta semana, para uma rodada de diálogo.

“Falar de um RENASCIMENTO NACIONAL como meta comum é falar de respeito mútuo

na diversidade, de inclusão de todos e todas (...) Saudamos todo caminho de diálogo que ajude a consolidar a paz, a convivência e o reencontro entre os venezuelanos”, diz a mensagem divulgada na conta de Telegram do ex-mandatário. Maduro, 63 anos, e sua mulher, Cilia Flores, 69, foram capturados em uma operação militar norte-americana em janeiro e estão presos em uma penitenciária no Brooklyn, em Nova York, acusados de tráfico de drogas e de armas de fogo. Ambos negam todas as acusações.

Após a captura do presidente deposto, a então vice, Delcy

RS/Fotos Públicas



Ex-presidente venezuelano chega preso a Nova York, nos EUA

Rodríguez, assumiu interinamente. Ela governa sob forte pressão de Washington, que promove um diálogo político para definir um calendário eleitoral e a realização de futuros pleitos na Venezuela. “Façamos de agosto um mês de conquistas extraordinárias, solidariedade comprometida, diálogo sincero e renascimento espiritual para a Venezuela”, diz o texto publicado na rede social, onde diariamente aparece uma contagem dos dias de seu “sequestro” e eventuais comentários em datas patrióticas.

Os temas da primeira reunião serão a assistência após o terremoto duplo de 24 de junho, o

fortalecimento da democracia e os direitos e garantias políticas. Apesar da participação de adversários políticos de Maduro, a principal líder da oposição venezuelana e vencedora do Prêmio Nobel da Paz, María Corina Machado, estará ausente. Ela afirmou que não deseja “dificultar o processo”.

O julgamento de Maduro e de Cilia Flores nos Estados Unidos começará em 1º de junho de 2027. O presidente deposto sustenta, desde sua primeira audiência perante a Justiça em Nova York, em janeiro, ter sido sequestrado, e se declara “prisioneiro de guerra”.